

# A imagem do judeu no *Auto da Ressurreição* no *Cancioneiro de Francisco Costa* (1583)

James Nelson Novoa

Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»  
Universidade de Lisboa

Desde tempos remotos a personagem do judeu tem estado presente no imaginário literário ibérico. Desde obras abertamente antijudaicas e polémicas, obras satíricas e moralizantes, o judeu, como pertencente a uma minoria moradora na Península Ibérica durante séculos, tem aparecido constantemente na lírica e na prosa e até nas obras mais importantes do período Medieval e Renascentista. Um exemplo singular, não pelo seu conteúdo, mas pelas circunstâncias da sua aparição, é o *Auto que se compôs e representou em Marrocos, dia da Ressurreição da era de 1583* do fidalgo e diplomata português D. Francisco da Costa (1533-1591).

Vamo-nos centrar sobre apenas dois aspectos de interesse da obra: o enquadramento da representação do judeu na literatura peninsular Medieval e Renascentista e a especificidade do contexto desta obra, representada diante e para os cativos portugueses, espanhóis e italianos, do desastre de Alcacer-Alquebir.

## 1. A representação do judeu na literatura medieval portuguesa até Gil Vicente

O judeu, como figura da alteridade por antonomásia tem estado presente em algumas das obras cimeiras da Península Ibérica nos períodos Medievais e Renascentistas<sup>1</sup>. No século XIII, nas *Cantigas de Santa Maria*, do Rei Afonso X (1221-1284), por exemplo, os judeus são apresentados, sempre em termos estereotipados e negativos com um falar mesclado de palavras hebraicas e professando ideias heréticas contrárias à religião cristã<sup>2</sup>. Outra composição fundamental da literatura

---

1. Para uma visão panorâmica dos judeus na literatura medieval veja-se Béatrice LEROY, «L'image du juif dans la littérature castillane des XIVème et XVème siècles» em 1492. *L'expulsion des juifs d'Espagne*, (ed. Roland Goetschel), Paris, Maisonneuve et Larose, 1995, 101-109 e Reuven FAINGOLD, «Judíos y conversos en el teatro portugués pre-viceentino. La *Farsa do alfaiate* en el *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*» em *Sefarad*, año LI, fasc. 1, 1991, 23-50.

2. Xosé FILGUEIRA VALVERDE, «Os xudeus nas cantigas de Santa Maria» em *Xudeus e conversos na historia, vol. I, Socie-*

ibérica, a *Danza general de la muerte*, composta algures no século XIV, representa um rabino que participa na *dance macabre* colectiva, queixando-se, numa linguagem em que se destacam palavras hebraicas, do Deus de Abraão que o abandonou<sup>3</sup>.

No período medieval e até à conversão geral de 1496, durante o chamado *tempo dos judeus*, o judeu convivía ou coexistia, como bem sabemos, na sociedade cristã mas como elemento marginal, se bem que estando sempre em contacto com ela<sup>4</sup>. Naturalmente, os judeus não estiveram ausentes da literatura peninsular e, em particular, da portuguesa, aparecem ao lado daquele monumento da literatura ibérica que foi o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, publicado em 1516<sup>5</sup>. Este documento fundamental nas letras peninsulares abrange os reinados de D. Afonso V, (1438-1481), D. João II (1481-1495) e D. Manuel I (1495-1521), o período de passagem, pois situa-se entre o *tempo dos judeus* e a conversão geral, apresenta a figura do judeu em vários lugares. Um dos poetas mais importantes do cancionero, por exemplo, Francisco da Silveira, cuja produção literária tem sido situada entre 1483 e 1493, na sua participação na composição poética *Cuidar e suspirar*, menciona os nomes de alguns judeus prestigiosos e ricos de Lisboa, conhecidos pela sua avareza e perfídia, durante o reinado de D. Afonso V<sup>6</sup>. Em outro lugar, o poeta Ruy Moniz retrata um português que sofria de dores de cabeça, infligidas por um médico judeu. A figura do cristão novo também está presente no *Cancioneiro* apresentado no prelo por Garcia de Resende, onde aparece, tipicamente, como o marrano, um judeu convertido mas que ainda preserva, de alguma maneira, o seu fundo judaico e que surge retratado como o credor avarento, como, por exemplo, no caso do retrato de Jorge de Oliveira, recebedor da chancelaria da corte de D. Manuel I<sup>7</sup>.

Mesmo depois da conversão geral a figura do judeu não desapareceu, mesmo se, em princípio, depois de 1497, Portugal era, oficialmente, uma terra sem judeus. Estes também abundam nas páginas das obras do fundador do teatro moderno português, Gil Vicente (1465?-1535?). No início do seu *Auto chamado da Lusitânia*, representado pela primeira vez em 1532, um alfaiate cristão-novo lembra-se dos judeus prestigiados que beneficiavam do favor da corte antes da conversão geral<sup>8</sup>. Na *Barca do Inferno* (1517) um judeu apresenta-se para entrar na barca para acompanhar o diabo ao inferno, convencido de com isso obter um proveito material. No *Diálogo sobre a Ressurreição*

*dade e Inquisición. Actas do congreso internacional Ribadavia 14-17 de outubro de 1991* (ed. Carlos Barros), Santiago de Compostela, Editorial de la historia, 1994, 245-263; Nicolaas TEENSMA BENJAMIN, «Os judeus na Espanha do século XII, segundo as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X o Sábio» em *Ocidente*, vol. LXXIX, 1970, 85-102.

3. Josep M. SOLA-SOLÉ, «El rabí y el alfaquí en la Dança general de la muerte» em *Romance Philology* 18, 1965, 3, 272-283 reproduzido em Sola-Solé (1983), 145-162. Veja-se também a sua edição crítica do dito texto, *La dança general de la muerte* (edición crítica, analítico-cuantitativa), Barcelona, Puvill, 1981.

4. Sobre os judeus em Portugal veja-se os estudos de Meyer KAYSERLING, *História dos judeus em Portugal*, (trad. Gabriele Borchardt Correa da Silva/Anita Novinsky) introd./ed. Anita Novinsky), São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971; Joaquim Mendes dos REMÉDIOS, *Os judeus em Portugal*, 2 vols., Coimbra, F. França Amado, 1895-1928; Maria José Pimenta Ferro TAVARES, *Os judeus em Portugal no século XIV*, Lisboa, Guimarães editores, 2000; Maria José Pimenta Ferro TAVARES, *Os judeus em Portugal no século XV*, 2 vols., Universidade Nova de Lisboa, 1982, Elvira Cunha de Azevedo MEA, *O sefardismo na cultura portuguesa*, Porto, Paisagem, 1974.

5. Reuven FAINGOLD, «Judíos y conversos en el teatro portugués pre-viceentino. La *Farsa do alfaiate* en el *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*» em *Sefarad*, año LI, fasc. 1, 1991.

6. *O cuidar e suspirar* (ed. Margarida Vieira Mendes), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

7. *Ibidem*, 35, 38.

8. «Assi uma primas minhas e toda esta vezinhança todos têm amor comigo: Dom Isagaha Barabanele Rabi Abram Zacuto, e Donegal Coronel, e Dona Luna de Cosiel, e todos me querem muito» em *Auto chamado da lusitânia*, em *Obras completas* de Gil VICENTE (ed. Marques Braga), vol. VI, 2ª. ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1955, 50. Para a presença de judeus na obra de Gil Vicente veja-se o livro de Celso LÁFER, *O judeu em Gil Vicente*, São Paulo, Imprensa oficial do estado, 1963.

(1526-1528) três rabinos e dois soldados romanos discutem acerca da verdade da ressurreição de Jesus Cristo. Os rabinos ficam convencidos da verdade de Cristo como o cumpridor das profecias do Antigo Testamento mas preferem ocultar este facto dos fiéis da sinagoga, com medo de perder a sua posição de privilégio.

A conversão geral, se fez desaparecer a prática do judaísmo normativo de Portugal, não fez desaparecer do imaginário popular a figura do judeu, representado nos termos tradicionais: péfido, avarento e consumido pelo desejo de ganhar dinheiro.

## 2. A presença sefardita em Marrocos e o seu papel nas negociações com os exilados de Alcacer-Alquivir:

Não precisamos de nos deter sobre a derrota de Alcacer-Alquivir e os principais factos que são bem conhecidos de todos<sup>9</sup>. Na contenda de 4 de Agosto de 1578 faleceram três reis: D. Sebastião no calor da batalha, o xarife Mawley 'Abd al-Malik, que sucumbiu à saúde quebrada e Mawley Muhammad al-Meslouk, o sobrinho do anterior, que tentou depô-lo e que morreu afogado. Além disso, a contenda deixou entre cinco e seis mil mortos entre os mouros e sete a oito mil entre os cristãos. Um novo xarife, Mawlay Ahmad al-Mansur (1549-1603), irmão de Mulei Abde Almélisque ocupou-se de restabelecer a ordem no reino africano<sup>10</sup>. Uma das principais preocupações dele foi a multidão de prisioneiros portugueses do desastre de Alcácer-Alquivir, entre eles 80 fidalgos que pertenciam à flor da nobreza portuguesa.

O novo monarca, D. Henrique, o Cardeal-Rei (1512-1580), destinou dinheiros, presentes e pessoas para negociar o resgate dos prisioneiros que ficaram em África após a catástrofe de Alcacer-Alquivir. Estes foram levados em massa para a cidade imperial de *Fas* ou Fez, a grande cidade imperial do norte, fundada nos finais do século IX. Fez era, tradicionalmente, a capital intelectual do reino pelas suas célebres *Madrasas* e pela universidade *Kairouan*. A cidade foi conquistada pela dinastia Sa'adiana em 1549 e era a segunda cidade mais importante depois da capital do sul, Marraquexe. Desde um momento muito cedo nas negociações, os judeus jogaram um papel importante como intermediários no trato entre Lisboa e o xarife. A maior parte dos cativos foram, de facto, hospedados no bairro judaico de Fez. Alguns deles foram, alias, hóspedes em casas de judeus importantes que habitavam na cidade imperial<sup>11</sup>.

Os judeus habitavam o Magreb, actualmente os países de Marrocos, Algéria e Tunísia, desde uma época muito recuada. Tal como no mundo cristão, os judeus súbditos dos sultões de Marrocos encontravam-se numa condição de segunda categoria, designados como *dhimmi* segundo a legislação islâmica<sup>12</sup>. Também não faltaram os momentos de dificuldade e tensão. Durante todo o período

9. Os relatos dos factos são múltiplos e citamos apenas alguns: a *Jornada de África em a qual se responde a Jeronimo Franqui, e outros, e se trata do sucesso da batalha, e cativoiro, e dos que nelle padecerão por não serem mouros com outras coisas dignas de notar* (Lisboa 1607) de Jerónimo de MENDONÇA; a *Cronica de D. Sebastião* (Lisboa 1837) de Frei Bernardo da CRUZ; a *Jornada de Africa por el Rey Don Sebastián* (Barcelona, 1630) de Sebastián de MESA e a *Historia Sebástica* de Frei Manuel dos SANTOS (Porto 1735).

10. Veja-se o artigo sobre ele da autoria de E. Lévi PROVENÇAL na *Encyclopédie de l'Islam*, tomo 1, Leyde/Paris, E.J. Brill/G.P. Maisonneuve Max Besson, Succusal, 1960, 297-298.

11. *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques* (introdução e notas de Domingos Maurício Gomes dos Santos, S.I.), Lisboa, Agencia Geral do Ultramar, 1951, LXV.

12. Clifford Edmund BOSWORTH, «The Concept of *Dhimma* in Early Islam» em *Christians and Jews in the Ottoman Empire. The Functioning of a Plural Society, Volume I, The Central Lands* (eds. Benjamin Braude/Bernard Lewis), New York/Londres, Holmes & Meier Publishers, 1982, 37-51.

medieval as relações entre os judeus da Península Ibérica islâmica e Fez foram sempre muito estreitas. Existia um vai e vem constante de pessoas e de trocas culturais<sup>13</sup>. Durante séculos a unidade política entre os dois lados do estreito fez com que o judaísmo magrebino estivesse intimamente ligado com o andaluz. O solo Magrebino recebeu a chegada de judeus ibéricos durante séculos. Foi aí, em Fez, por exemplo, onde se refugiou Moisés Maimónides (1135-1204), no século XII quando Al-Andaluz se encontrava na posse da seita islâmica intolerante, os Almóadas (1123-1276), morando na cidade cinco anos antes de se fixar no Cairo. Ocorreu uma primeira vaga de imigração de judeus espanhóis para o Norte de África após uma série de estragos nas judiarias em Castela, Aragão, Catalunha e nas ilhas Baleares<sup>14</sup>.

Devido a essa unidade que tinha existido, no reino do norte de África como nos reinos vizinhos existia um judaísmo norte africano com características próprias, plurissecular. Com o retroceder da presença muçulmana na Península Ibérica, o judaísmo sefardita ficou cada vez mais em contacto com o âmbito cristão. Com o tempo a língua árabe também se perdeu entre eles e ficou apenas o reino de Granada, que foi vencido em 1491, seguindo-se a expulsão dos judeus e dos muçulmanos do reino. Os moradores judeus autóctones do Magreb, de língua árabe, chamavam-se os *tosbavim*, em contraste com os judeus que procediam da Península Ibérica, exilados, chamados *megorashim*. Naturalmente, a convivência entre os dois grupos, que procediam, nos finais do século XV, de tradições bem distintas apesar de partilharem a mesma fé, não foi sempre fácil e, por exemplo, os *tovashim* costumavam ver os seus irmãos na fé com um certo receio. Com o tempo, de facto, estes receios foram vencidos com o prevaecimento cultural e religioso da tradição do judaísmo sefardita<sup>15</sup>.

A primeira grande vaga de imigração de *Sefarad* para o Norte de África foi, naturalmente, após a expulsão de Espanha sob os Reis Católicos e a conversão geral em Portugal sob D. Manuel I. Foi seguida por outras duas, neste caso de cristãos novos, que ficaram no reino de Portugal, após a matança de 1506 em Lisboa e depois da criação do Tribunal do Santo Ofício, em 1536<sup>16</sup>. Muitos dos fugitivos aproveitaram as praças portuguesas em Marrocos, em particular Arzila, para depois conseguir alcançar a terra dos mouros<sup>17</sup>. Durante todo o século XVI a chegada de cristãos novos da Península Ibérica que escolhiam juntar-se aos *megorashim* era constante. A importância da presença judaica ibérica, quer de judeus assumidos quer de cristãos novos que iam abraçar a fé mosaica no Norte de África era conhecida, e o Magreb era, precisamente, um alvo impor-

13. Para uma visão de conjunto da presença dos judeus no Magrebe e a relação com a Península Ibérica durante o período medieval e o período moderno, veja-se o estudo de Michel ABITBOL, «Juifs d'Afrique du Nord et expulsés d'Espagne après 1492» em *Revue de l'Historie des Religions*, Tome CCX-fasc. 1, Janvier-Mars, 1993, 49-90. O melhor estudo da presença dos judeus portugueses no norte de Africa é, sem dúvida, o de José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades duma comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997.

14. Sobre estas perseguições, veja-se o livro de Yitzhak BAER, *Historia de los judíos en la España cristiana* (trad. José Luis Lacave), Barcelona, Riopiedras, 1998, 531-610.

15. Michel ABITBOL, «Juifs d'Afrique du Nord et expulsés d'Espagne après 1492» em *Revue de l'Historie des Religions*, Tome CCX-fasc. 1, Janvier-Mars, 1993, 51 e José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades duma comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 88-92.

16. Michel ABITBOL, «Juifs d'Afrique du Nord et expulsés d'Espagne après 1492» em *Revue de l'Historie des Religions*, Tome CCX-fasc. 1, Janvier-Mars, 1993, 50-55.

17. Michel ABITBOL, «Juifs d'Afrique du Nord et expulsés d'Espagne après 1492» em *Revue de l'Historie des Religions*, Tome CCX-fasc. 1, Janvier-Mars, 1993, 56-57 e José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades duma comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 86; 187-192.

tante para pregadores peninsulares que sabiam que poderiam ter interlocutores judaicos que falavam espanhol<sup>18</sup>.

Em finais do século XVI a comunidade sefardita de Fez estava já consolidada e até poderia beneficiar de uma certa importância. De facto, apesar dos receios originais os *toshavim* não podiam senão aceitar os sefarditas e estes deixaram a sua marca na vida religiosa e cultural judaica na localidade do norte. O ano de 1438 viu a criação do bairro judaico de Fez, em verdade um verdadeiro «ghetto» chamado a *mellab* e situado perto do Palácio Real. Os judeus da cidade foram constrangidos a morar aí com várias limitações das liberdades e humilhações num espaço delimitado do resto dos habitantes mouros. Alguns anos depois, em 1465, a comunidade sofreu uma verdadeira carnificina, quando, num protesto popular contra o *vizir* judeu do xarife Harun ben Battas, a maior parte dos judeus da cidade foram massacrados. Com a população dizimada, os sefarditas recém-chegados depois da expulsão não podiam senão ser bem aceites<sup>19</sup>.

Outras comunidades importantes existiam em outros centros, como nas localidades de Alcácer-Quibir, Salé, Larache, Mequinez e Marraquexe<sup>20</sup>. O último centro, a capital do reino do sul, na altura e até tempos recentes conhecida como Marrocos, fundada por volta de 1130, contava com uma comunidade judaica importante e uma presença sefardita que datava desde finais do século XIV<sup>21</sup>. A judiaria que foi criada por volta de 1557, perto do muro da *quasba*, foi, desde a sua criação o lugar que hospedava os embaixadores dos príncipes estrangeiros<sup>22</sup>.

Estes judeus sefarditas, muitas vezes estabelecidos no Magreb desde há varias gerações, mas que mantiveram, em muitos casos, relações familiares, culturais e económicas com a Península Ibérica, inclusivamente após a expulsão de Espanha e a conversão geral em Portugal, eram os interlocutores naturais no negócio de trato entre Portugal e o xarife. Depois de 1496, em pouco tempo, grandes famílias sefarditas, conhecedoras das línguas europeias e activas no comércio internacional, estabeleceram-se no reino de Marrocos, como os Ruti, Rozalés, Sunbal, Cansino e Sasportas. Os *megorashim* destacavam-se como línguas: intérpretes e tradutores, pelos seus conhecimentos do árabe e das línguas europeias. Sobretudo nas praças portuguesas do Magreb não era invulgar pedir a sua intervenção em missões diplomáticas do mais alto nível. Desde muito cedo, após a sua chegada e o estabelecimento das suas comunidades no Norte de África tiveram um papel impor-

18. José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades numa comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 124-127. O fundo do Secretariado do estado de Portugal no Arquivo Vaticano oferece esta história curiosa num documento sem data mas que tem a ver com privilégios pedidos à Santa Sé para uma igreja e hospital em Marrocos dum cativo português que se tinha feito judeu para depois se fazer cativo de maneira voluntária após a sua conversão à fé cristã.: «Juan Sebastián, natural de Portugal, cautivo al presente en Marruecos. Abrá diez años poco más o menos que por inducción de otro su hermano se fue a Marruecos con achaque de cierta mercancía que llevó y se tornó judío, entendiendo per tunc que acertava. Y después a cabo de algunos años aviéndole tocado Nuestro Señor en el corazón y entendido el mal camino y desventurado estado en que estava dexó el hábito de judío y se metió en la cárcel de los cristianos cautivos, haziéndose cautivo como ellos (estando él libre) pidiendo publicamente a Nuestro Señor perdón del yerro en que avía estado con grandes demonstraciones de penitencias que hizo» em *Memoria de lo que Monseñor Reverendísimo a de bazer por la Yglesia y hospital de Marruecos*, s.d. Segreteria di Stato del Portogallo, 4, fol. 77 r, ASV.

19. Michel ABITBOL, «Juifs d'Afrique du Nord et expulsés d'Espagne après 1492» em *Revue de l'Historie des Religions*, Tome CCX-fasc. 1, Janvier-Mars, 1993, 65-68.

20. Para todos estes centros veja-se José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades numa comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 98-178.

21. José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades numa comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 154.

22. José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades numa comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 155.

tantíssimo como alfaqueques, no trato dos homens: como escravos e no pagamento de resgates para os cativos no Magreb<sup>23</sup>.

Dada a experiência dos sefarditas, filhos e netos de exilados, ou fugidos eles próprios da Península Ibérica, teria sido normal que não fossem favoráveis aos presos ibéricos ou aos seus sequazes que agora se achavam, eles próprios, na experiência amarga do exílio. De facto os desaires das forças ibéricas nas suas incursões nos territórios muçulmanos foram celebrados pelos *megorashim* e no imaginário deles abundou a lembrança popular dos «segundos Purims», em que a derrota de Carlos V (1500-1558) diante de Argel em 1541, a morte de D. Sebastião (1554-1578) e a libertação do invasor e opressor foram celebrados em termos similares à salvação do povo hebraico graças à intervenção da Rainha Ester<sup>24</sup>.

Desde o primeiro momento, pois, estiveram presentes como intermediários. No mês de Outubro de 1578 o xarife fixou o preço para a libertação dos 80 fidalgos em 400.000 ducados, os quais tinham que ser pagos em sete meses. No dia 10 de Novembro de 1578 um judeu de Fez disponibilizou 10.000 ducados a crédito para começar a libertação dos cativos<sup>25</sup>. Segundo o Padre Domingos Maurício Gomes dos Santos, S. J., uns judeus moradores na praça portuguesa de Tânger também contribuíram com dinheiro a crédito para obter a libertação dos prisioneiros dispersos em várias localidades do Magreb<sup>26</sup>. Mais tarde, em Janeiro de 1580, quando um grupo de presos foi libertado, viajava com eles uma comissão de judeus prestamistas, levando letras de crédito para serem descontadas em Portugal. Evidentemente, tinham sido importantes no esforço para obter a libertação dos presos portugueses<sup>27</sup>.

Não faltaram autores entre os cativos que escreveram obras, quer em Marrocos, quer de volta à liberdade em Portugal, nas quais falavam da experiência da convivência com a presença judaica. Na obra *Trabalhos de Jesus*, o escritor místico agostiniano, Frei Thomé de Jesus (1510-1582), que morreu em Marrocos, cativo na judiaria de Maquinés, escrita para fortalecer a fé dos outros presos portugueses com uma série de considerações sobre os sofrimentos de Cristo, teve a ocasião de abordar o tema da dureza de coração dos judeus na primeira parte da obra. O autor repete as ideias comuns partilhadas por muitos autores cristãos sobre os judeus e a sua rejeição de Cristo, apesar de serem eles parte do povo eleito por Deus<sup>28</sup>. Faz uma menção ao facto de ter encontrado

23. José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades duma comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 330-356.

24. José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o século XVI. Origens e actividades duma comunidade*, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1997, 90 e 171; e Francisco CANTERA, «El Purim' del Rey Don Sebastián» em *Sefarad*, vol. V, fasc. 1, 1945, 219-225.

25. «De captivos hay aquí malas nuevas. Ha venido de Fez un judío por orden de todos ellos y dice que el Xarifes pide quatrocientos mil ducados por ochenta caballeros que tiene y ha mandado que ninguno otro se rescate hasta que salgan los suyos; y para asegurarse desto, invia por todos los que halla y quedase con ellos. Y aunque le ponen miedo con que se le morirán si los detiene, responde que uno solo que quede ha de pagar para todos.» Cópia da carta original de D. Cristobal de Mora ao rei, datada em Lisboa a 10 de Novembro de 1578. *Colección de documentos inéditos para la historia de España*, XL, 1862, Madrid, Imprenta de la viuda de Calero, 185.

26. Domingos Mauricio Gomes dos SANTOS, *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques*, LXVI.

27. Domingos Mauricio Gomes dos SANTOS, *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques*, LXXVIII.

28. «Grandes foram os trabalhos que o Senhor sofreu nos anos que andou peregrinando pelas cidades de Israel, e Judea, que o cansavam, e afligiam muito mais que a propria peregrinação. Entre eles um muito principal foi a dureza da gente judaica, que não só não queria receber, mas encontrava toda sua doutrina, e divinas obras; e dela como de fonte nasceram todos os trabalhos, que o Cristo Nosso Senhor deram, e sua propria perdição. Antiquíssimo vício é na nação judaica a dureza de coração e de que está a divina Escritura cheia. Tanto que sendo entre todas as nações do mundo escolhida pera povo de Deus, apartado de todas as gentes pera a servir, e adorar, e espantando Deus o mundo com maravilhas que por ele fazia, nunca o pode dobrar a seu serviço e obediencia» Fr. Tomé de JESUS, *Trabalhos de Jesus*, I Volume, Lello & Irmão editores, Porto, 1951, 395.

judeus em Marrocos, descrevendo-os como apegados às coisas materiais, afastados de Deus «...na vida e na malícia a pior, e mais inclinada gente que na natureza e mundo pode haver...»<sup>29</sup> Segundo o frade agostiniano, os judeus carecem da inclinação às coisas naturais, celestiais e morais do coração e são mais susceptíveis de receber o Anticristo do que o Cristo<sup>30</sup>.

Outro autor português, morador no exílio do norte de África, após a derrota de Alcácer Alquevir, e um dos principais cronistas dos acontecimentos, Jerónimo de Mendonça na sua *Jornada d'África*, oferece uma voz discordante da visão do frade português, fruto também da sua experiência pessoal como cativo entre os judeus. Fala do frade português, Frei Vicente da Fonseca, que pregava perante os judeus, incitando alguns, inclusivamente, a converterem-se ao cristianismo<sup>31</sup>. Mendonça apresenta um quadro de afabilidade geral por parte dos judeus, muito preferível à «infidelidade» dos mouros<sup>32</sup>. Descreve uma vida de abertura por parte dos cativos cristãos face aos judeus,

29. «E é tanto desta nação de juro, e herdade, dureza de coração, que ainda hoje em dia a experiência nestas partes de Berberia (onde há grandes povoações deles) nos mostra serem tão duros, que nem convencidos pelas divinas Escrituras em seus erros, e chegados a não poderem contradizer a verdade manifesta, por nenhum caso se querem render, antes se prezam de dura cerviz, e toman por honra o que Deus contra sua dureza diz na sagrada Escritura, como gente que se não rende facilmente, senão ás cousas que forem muito palpaveis, e vistas a olho. E sendo na vida e na malícia a pior, e mais inclinada gente que na natureza e mundo pode haver, assim se tem hoje por povo mimoso, e escolhido de Deus, e pela melhor, e mais aceita gente a ele, como se pudera ter o próprio santo Abraão, de quem descendem. E claro se vê neles o que diz a divina Escritura, que são vendidos para fazer mal. Porque assim o tem por vida e ofício, que tirando-lhes Deus todos os bens temporais, que concede a todas as outras erradas nações, só mantêm; e isto com trazerem sempre o nome de Deus na boca», Fr. Tomé DE JESUS, *Trabalhos de Jesus*, I Volume, Lello & Irmão editores, Porto, 1951, 395-396.

30. «Nenhuma coisa das naturais ao humano coração, e que ele é inclinado e para que foi criado, de que a divina Escritura tem infinitíssimos tesouros, vêem nela; nem espiritual, nem moral, nem celestial, nem a sabem entender, nem desejar, nem esperar de Deus. E o remate de tudo é, que quando a lei de Moisés os obrigava, nunca Deus acabou com eles que a guardassem: depois que os desobrigou dela, finam-se por a guardar; e sem dúvida se vê ao olho, que estes que não quiseram Cristo, receberão com os braços abertos o Anticristo. Alarguei-me tanto no que estes anos, que estou cativo, aqui por experiência nesta dura gente vi, porque é clara demonstração do que Cristo Nosso Senhor com eles passou. Porque os mesmos são agora, que então e se Nosso Senhor andara entre estes com a mansidão com que sofreu a dureza dos de seu tempo, sem dúvida que com nenhum amor, nem serviço se lhe podia agradecer tamanha misericórdia, e tão trabalhosa comunicação. Pois sendo os antepassados e estes da mesma duríssima e rebelde cerviz, segundo se vê cotejando a experiência dos de agora, com o que está escrito dos daquele tempo, não saberei alcançar e muito menos com palavras encarecer o peso gravíssimo do trabalho, que Cristo Nosso Senhor levou em tratar com eles e sofrê-los», Fr. Tomé DE JESUS, *Trabalhos de Jesus*, I Volume, Lello & Irmão editores, Porto, 1951, 396-397.

31. «Toda esta gente andava tão cheia de maravilha, vendo a verdade e cortezia com que dos fidalgos e gente nobre era tractada, que não cuidavam senão de como lhes haviam de fazer a vontade, como se foram seus amados filhos, chorando mil vezes o desterro de Hespanha, e com muita razão, pelo mortal odio que os mouros lhes tem e pelas miserias que padecem, taes que não poderiam contar sem grave offensa dos ouvidos humanos, mágoa por certo grande em gente de razão e entendimento, e que tão querida foi já de Deus, e na qual todavia sómente os christãos captivos (depois dos elches se não téem por mouros) achavam algum remedio e consolação, sendo tractados com muita humanidade aquelles que foram a seu poder, além de que era grande alivio a todos entenderem-se com elles, porque fallam em geral castelhano, á excepção de alguns judeus mouriscos, de que se lá não faz conta, pelo que temos particular obrigação, além da ordinaria, de rogar a Deus pelo melhoramento de seu infeliz estado, para que venham ao verdadeiro conhecimento e não se perca tanta gente em cada hora com tanta miséria» Jeronymo de MENDONÇA, *A jornada d'África. Resposta a Jeronymo Franqui e a outros noticia do successo da batalha, do captiverio e d'outras cousas dignas de menção*, Porto, Imprensa da eschola dos surdos-mudos, 1879, 174-175.

32. «Bem se deixa entender quanta e quão diversas cousas passariam os captivos em todo este tempo que estiveram em Fez, vivendo sempre com o intenso desejo de verem suas mulheres e seus filhos, e sustentando-se de esperanças, que a cada passo se turbavam com a infidelidade dos mouros, da qual nunca podiam estar seguros, assim pelo perigo geral, debaixo de tão certos e tamanhos inimigos; e assim, foi realmente particular mercê de Deus acharem os fidalgos as casas dos judeus em que se recolhessem, que nenhum d'elles podera viver nas dos mouros, por serem aváros, crueis, e maliciosos, e pelo contrario acharam nos judeus muita brandura, affabilidade e cortezia, além de ser allivio muito grande entenderem-se com elles na linguagem, porque, como está dicto, fallam todos castelhano; e assim, em todas as cousas eram estes fidalgos tractados como em suas proprias casas, com muito amor e singeleza», Jeronymo de MENDONÇA, *A jornada*

com os quais coabitavam. Alguns deles, inclusivamente, aproveitaram o cativeiro para aprender o hebraico e o árabe, mas encontravam-se sempre afligidos pela nostalgia da pátria<sup>33</sup>.

Outro narrador dos acontecimentos de Alcácer-Alquevir e das suas consequências foi o franciscano Frei Bernardo da Cruz, ele também testemunha da batalha mas que conseguiu voltar para Portugal. Fala das condições favoráveis em que os cativos portugueses viveram, graças ao xarife, e da vida de luxo que desfrutavam na judiaria, garantida através de letras de crédito que chegavam aos judeus, pessoas em que se podia confiar plenamente<sup>34</sup>.

### 3. A embaixada de D. Francisco da Costa (1579-1591) e o seu Cancioneiro

O homem escolhido para representar Portugal nas negociações para a libertação dos prisioneiros foi D. Francisco da Costa, o filho de D. Duarte da Costa e de D. Brites ou D. Maria de Mendonça ou da Silva. O seu pai foi um importante cortesão que ostentou vários cargos, recebendo numerosas tenças reais, chegando a ser, inclusivamente, vice-governador de Brasil. D. Francisco da Costa continuou as pisadas do seu pai e, ainda numa idade muito jovem, foi procurar fortuna no Oriente, mais concretamente, em Cochim, no Golfo Pérsico, em Goa, bem como em outras localidades. Voltou para Portugal, onde foi recebido como cavaleiro da ordem de Avis, em 1558. Depois de alguns anos de serviço na corte, em que formou um lar com vários filhos, partiu novamente para o Oriente, em 1568, participando, durante largos anos, na defesa da praça de Malaca, até que voltou novamente, para Portugal em 1574<sup>35</sup>.

*d'Africa. Resposta a Jeronymo Franqui e a outros noticia do successo da batalha, do captiverio e d'outras cousas dignas de menção*, Porto, Imprensa da escola dos surdos-mudos, 1879, 191.

33. «Alguns havia que aprendiam Arabio e Hebraico, por não darem logar á ociosidade, e nas tardes do verão subiam aos terrados das casas, aonde, com os olhos postos nos altos montes que defrontam com parte da nossa Hespanha, estavam curtindo saudades. N'isto recebiam grande allivio, por ser a vista muito formosa, e jámais nehum d'elles sahia da Judearia, salvo quando eram chamados por mandado d'el-rei ou de seus Aquemes», Jeronymo de MENDONÇA, *A jornada d'Africa...*, 192.

34. «Não me parece desemeilhante comparação, nem presunção mui alheia de rezão, ter que todas as prosperidades, assim da dignidade real, como das riquezas do despojo da batalha e resgate do captiverio, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possui com grande prosperidade e abastança, lh'as deu Deus pelo bom tratamento que havia de fazer aos christãos portuguezes, como deu a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns christãos a fim de se porem em liberdade, e assim grangearer mór interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinham, ou fosse por lei ou tyrannia) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus rescates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, gallinhas, e outras iguarias em muita abastança, como elles puderam ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavam na judearia, nas casas com os mesmos judeus, mandava o Xarife aos judeus lhes dessem de comer na maneira acima dita, e as despezas que fizessem, conforme a porção e regra que estava taxada, lhes fossem levadas em conta do tributo que são obrigados pagar; mas depois de se contractarem e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife d'esta obrigação.

Além d'esta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fiador) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitação, e se aposentasse na judearia, onde mais lhe approuvesse. Com esta franqueza se fiavam uns aos outros, e todos alcançavam tanta liberdade como poderiam ter na côrte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriam, sem mouro algum lh'o impedir ou os guardar, viviam com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhoras da terra, e além de cada um ter sua pousada em casas muito fermosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam mui esplendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim uns se mandavam prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam dos judeus com assignados de lhes pagarem, o que os judeus faziam com maior confiança do que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido pera Afica» Frei. Bernardo da CRUZ, *Chronica d'el-rei D. Sebastião*, 2 vols, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa, 1903, 163-164.

35. Veja-se os dados biográficos proporcionados no estudo introdutório de Gomes dos SANTOS, *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques*, XXV-CLX.

O negócio do trato com o xarife de Marrocos foi-lhe conferido em Janeiro de 1579. Após os seus anos de experiência no Oriente parecia, sem dúvida, uma das pessoas mais indicadas para tal cargo. Chegou a Mazagão a 2 de Junho desse mesmo ano, com cartas e presentes para o sultão e encontrou-se com Mulei Ahmede, pouco tempo depois, em Marraquexe. A negociação para a libertação dos 80 fidalgos foi concluída favoravelmente, com a saída do cativo dos 69 fidalgos que sobreviveram aos meses de privações, no mês de Novembro de 1579. Este grupo de fidalgos era um número ínfimo, quando comparado com os milhares que ainda permaneciam cativos. As negociações prosseguiram. Sem dúvida, a situação portuguesa após a morte de D. Henrique, em Janeiro de 1580, que se resolveu apenas com a declaração das Cortes em Tomar, fazendo Felipe II rei de Portugal em 1581, bem como a complicada situação internacional, fez que as negociações se tornassem mais lentas e complicadas. Apesar de ter sido posto à margem pela chegada de outros representantes, enviados de Felipe II, que, de maneira instrumental, usavam os cativos como peões nas negociações com o xarife, desde a capital do reino D. Francisco da Costa continuava o seu trabalho, o qual, com a passagem dos anos, deve ter parecido, sem dúvida, uma espécie de exílio partilhado por ele também. De facto, aí acabou por morrer, vítima de um ataque apopléctico, no mês de Abril de 1591, em casa de um dos judeus da *mellab* de Marraquexe. Os seus ossos descansam, de facto, no jardim do dito judeu pois os seus despojos foram trocados pelos ossos de sete mártires que morreram em 1585, cujos ossos foram levados para Lisboa para a casa de sua mulher, D. Joana Henriques<sup>36</sup>.

Ficou na posse da sua filha, D. Maria Henriques, um *Cancioneiro*, uma recolha de composições em português, espanhol e latim. Algumas são poéticas: 31 delas de carácter profano, 131 de argumento religioso e 7 peças de teatro. Domina pois, no *Cancioneiro* a temática religiosa<sup>37</sup>.

#### 4. O auto da Ressurreição

Uma das composições teatrais, em língua portuguesa, intitulada simplesmente *Auto que se compôs e representou em Marrocos dia da Ressurreição da era de 1583*, aparentemente representou-se na capital do reino magrebino entre os exilados. Ocupa as folhas 135r até à 146r do manuscrito do *Cancioneiro*. Mas terá sido representado realmente em Fez ou em Marraquexe? Pouco importa. Sabemos que a maior parte dos exilados se achavam na cidade imperial do norte mas que também os que se encontravam na capital do reino moravam na *mellab* junto com o próprio autor da peça. Numa representação teatral perante cristãos teriam assistido possivelmente judeus descendentes de exilados da Península Ibérica se não cristãos novos vindos, eles próprios de lá e depois convertidos ao judaísmo, de cuja presença em Marrocos temos ampla constância, tal como tivemos a ocasião de ver.

A peça põe em cena um diabo «representador», um anjo, o povo gentio e o povo judaico que discutem ao longo da obra sobre a validade das suas respectivas visões do mundo. A personagem da fé intervém no debate para, naturalmente, resolver a questão a seu favor no final. Tudo isto serve de pano de fundo para a acção principal: os apóstolos Lucas e Cleophas no caminho de Emaús são colocados em cena para assistir à boa notícia da ressurreição do Senhor, com a aparição de Cristo. No final todos abraçam a fé com um canto de *Laudate Dominum* colectivo.

36. Gomes dos SANTOS, *Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques*, CXI.

37. Sobre o *Cancioneiro de Maria Henriques* veja-se o artigo de Zulmira C. SANTOS, «Teatro português em Marrocos no tempo de Filipe II: o testemunho do chamado *Cancioneiro de D. Maria Henriques* em *Via Spiritus*, 5, 1998, 75-105.

O género da representação teatral da Ressurreição de Jesus Cristo não tem nada de original. Nas letras ibéricas existiam já exemplos de obras teatrais religiosas escritas para celebrar a Ressurreição de Jesus e apresentadas no dia de Páscoa. Em finais do século XV, Juan del Encina (1468?-1530?) pôs em cena a sua *Representación a la Santíssima Resurrección de Cristo* (1472), na qual Jesus aparece aos apóstolos no caminho de Emaús. Houve também antecedentes no *Auto del Castillo de Emaús* (1512) de Juan de Timoneda (1518?-1583) e no *Auto de la aparición que nuestro Señor Jesu Christo hizo a los discípulos que iban a Emaus* de Pedro Altamira que foi publicado em Burgos, em 1523. Já tivemos ocasião de ver que Gil Vicente apresentou a sua particular abordagem da questão da ressurreição de Jesus no seu *Auto da Ressurreição* em que punha em cena, inclusivamente, uns rabinos que são, de facto, as personagens principais.

A composição abre com a figura do diabo «representador» que permite que o povo gentio e o povo judaico discorram sem intervir no debate, ambos afastados da verdade:

Os povos de que me rio,  
meu judaico meu gentio  
com grão disputa entrarão,  
sobre Jupiter e Abrahão  
da qual eu não nos desvio<sup>38</sup>.

O diabo vai ser afastado pelo anjo que vai ceder a cena ao povo gentio, aquele povo sem luz que vive nas trevas da sensualidade e ao judaico, obstinado que não quer aceitar a mensagem cristã. O judeu na obra de D. Francisco não é já uma figura caricatural, sendo desprovido dos estereótipos do judeu avarento e amador do dinheiro e é insultado pelo gentio que, naturalmente, está ainda mais afastado da verdade, prisioneiro da sensualidade. A investigadora Zulmira C. Santos sugeriu que o povo gentio poderia constituir uma alusão velada aos muçulmanos<sup>39</sup>. O certo é que representa uma concepção material da vida e do divino, incapaz de compreender a transcendência:

Povo Gentio

Tudo he parola judeu;  
quanto dizes, tudo he nada.  
quem he, esse Moisés teu?  
e essa lei, quem ta deu,  
que assi he de ti gabada?

Judaico

Mousés, he com quem falou  
Deus no alto monte Syna,  
onde a nossa ley divina,  
rosto a rosto, lha entregou.  
de crer he, logo, mais dina.

38. *Auto que se compos*, 328.

39. Zulmira C. SANTOS, «Teatro português em Marrocos...», 93.

Corenta dias gastando,  
no colloquio soberano,  
em nuvem de fogo estando,  
nós sem ele ydolatrando,  
procurando nosso dano.

Gintyo

He Saturno, esse teu Deus,  
Jupiter, Venus, ou Diana?  
tira, judeu esses veos.  
Moisés, no fogo dos Çeos.  
não ardia. Quem te engana?

quando pouco escaparia  
O teu Moisés chamuscado!  
a fumo, a ley cheiraria.  
mais que fumo, he teu cuidado;  
mais que vento essa perfia!

Judaico

O povo tão vaõ, gentio,  
como estás sego e groçeiro!  
deses teus deoses me rio;  
abre os olhos que eu confio,  
verás o meu verdadeiro.

Fez, o meu Deus, Ceo e Terra  
e tudo quanto contên;  
os teus deoses fez, tamben,  
que por industria e por guerra  
esse nome, entre vós, ten.

Homens corruptos e vaõs,  
cheios de variedades,  
demonios nas calidades,  
quem vos pôs em suas mãos.  
o gentios miseraveis?

Outros servis que não foraõ  
mais que estátuas que saõ.  
que diabolica ynvenção!  
neles falão, neles moraõ  
ministros da perdição<sup>40</sup>.

---

40. *Auto que se compoz*, 333-334.

O autor coloca em cena a discordância entre a materialidade da concepção do gentio, incapaz de conceber o Deus único e vinculado ao saber clássico ligado à cultura pagã, causadora do engano. Por outro lado, o autor do auto deixa claro que o povo judaico foi o receptor inicial da mensagem monoteísta, sendo o povo que Deus acompanhou no caminho da salvação e a quem se revelou pela primeira vez. O povo gentio confessa o seu desconhecimento dos factos da história salvífica e mostra a sua perplexidade perante a sorte do povo eleito pelo Deus supostamente todo-poderoso que permite que o seu povo se encontre no «cativeiro estrozo»?

Gintyo

Toda a guarda do Sabaã  
he não açender a candeia:  
mas bebeis, tambem à sea,  
que a luxuria sempre está  
aseza, nessa alma rea.

Que goardais, naquesse dia.  
se de vós nos não goardais?  
se em vivos odios estais  
se a onzena em vós ardia,  
de que, judeus, vos gabais?  
porém, dizeme, onde achaste  
que não ha mais que hum só Deus?

Judaico

Nesta ley santa dos Çeos,  
e no que não experimentaste  
com esses tão negros veos.

Gintyo

Quem a escreveo, saber quero.

Judaico

Moisés, o santo varaõ,  
e os prophetas que o são

Gintyo

O que Cicero, e que Homero  
e que divino Plataõ!

Judaico

Naõ sabes que são mintiras,  
quanto dizem os poetas?  
se c'os olhos d'alma viras,  
creras, logo, quanto ouviras  
de nossos santos prophetas.

Gintyo

Se entenderas teus errores  
a teus profetas chamaras,  
naõ, serto, reveladores,  
mas grandes resaladores,  
e assi não resalaras.

Os grandes emperadores  
nunca neles consintirão,  
porque foraõ sonhadores.  
os sabios ligisladores  
como deles não sintirão?

En Lacedemonia e Athenas,  
como naõ são celebrados  
e em Roma decantados?  
com elles, tu te condenas,  
pelos seus e teus peccados.

O deoses meus ynmortais,  
que fazeis e desfazeis,  
castigais e aprimais,  
os exerçitos vençeis  
e quanto quereis obrais,

Perdoaime, por ouvir  
este perro assy ladrar,  
e com ele desputar;  
filo pelo reduzir  
e vosso culto adorar.

Juayco

Que dizes, sego incapaz?  
qual desses o Mar abrio.  
passou seu povo e sahio  
a pé enxuto, e de tras  
seus imigos confundio?

Qual, as agoas do Jordão  
fez contra cursso tornar?  
corante annos sustentar  
com manaa sem outro paõ?

Qual falou, de rosto a rosto?  
qual, o sol, atrás, tornou?  
qual, de pedra, agoa tyrou?  
qual, do Ceo, mandou mais gosto?  
qual, mortos reçoçitou?

Gintyo

Esse teu Deus, taõ discreto,  
isso que fez, onde o fez?

Judaico

No mesmo mundo que vês.

Gintyo

Foi em pubrico ou em secreto?

Judaico

Muito em pubrico, em que te pez.

Gintyo

Pois como naõ decantaraõ,  
os Gregos e os Romanos,  
que a pena nunca negaraõ,  
com que immortalizaraõ  
os feitos mui soberanos?

Judeuzinho mintirozo  
se esse Deus naõ he mintira,  
teu amigo e poderoso  
deste captiveiro estrozo  
dize, como naõ te tira?<sup>41</sup>

---

41. *Auto que se compo*, 335-336.

O povo judaico justifica o facto de ser o povo eleito por Deus pela dureza do seu carácter, mas aguarda a esperança da redenção final com a chegada do Messias. O povo gentio, em resposta, oferece ao judaico um desafio: o Messias não teria já chegado na figura de Jesus Cristo, que aliás, o povo judaico matou?:

Judaico

Fomos duros dos pescoços,  
em odios os mais fundados;  
desprezamos seus mandados,  
mais do que dizer te posso;  
merecemos castigados.

Mas o Messias virá,  
posto que jaa tarde muito;  
o seu povo livrará,  
o teu, vaõ, castigaraa;  
darnos ha todo teu fruto.

Gintyo

Que desenvolto judeu,  
de lingoa grande esforçado!  
ei de ser captivo teu?  
mas, pois ynda agora es meu,  
toma e goarda do Diabo!

Qua he, o Crucificado?  
dartei, todos os dias,  
desses, hum par de Messias.

Judaico

Do cristaõ taõ enganado.  
que hi verás as perfias.

Gentyo

Vaite embora, perrito  
com todo teu desatino.

Judaico

Eu perrito e tu seguito  
tu sem olhos, eu sem tyno  
qual de nós aserta o fito?

Mal pode julgar de cores,  
o sego de nascimento.

Gintyo

Bem seguiras são maiores,  
o que esperas, que com dores,  
na Cruz, mataste a tormento<sup>42</sup>.

Intervém a fé no debate, vendo os dois errados e procurando levar os dois «povos» à verdade:

Fe

Vejonos taõ trabalhados  
e com tanta confuzão  
que, se sois considerados,  
deveis ambos ser lovados,  
em terceiro e bom varaõ.

errados ambos vos vejo,  
por caminhos diferentes.  
se quiserdes ser prudentes,  
tyrai a hum alvo e desejo,  
em que aserteis, mui contentes<sup>43</sup>.

A fé dirige-se primeiro ao povo gentio, maravilhado perante a beleza e esplendor da fé para a qual se sente naturalmente inclinado. Depois de uma larga apresentação de si mesma ao povo gentio, a fé revela-se como verdade para todos os tempos e todas as gentes:

Gintyo

Esta he bem nova figura,  
a que alma se me ynclina;  
he, nos trajos, perigrina,  
prinçeza na fermozeria,  
d'acatamento a mays dina.

Dizeime, quem sois, senhora?  
posto que vós o dizeis,  
porqu'esses trajos trazeis,  
pos mostrais mereçedora  
de terdes, por servos, reys.

---

42. *Auto que se compo*, 337-338.

43. *Auto que se compo*, 338.

Peregrino parecer,  
se na Terra o ha divino,  
tal me vejo como vos ver,  
que naõ quero outro mor ser,  
que convosco perigrino.

Fee

Se essas palavras sairaõ  
d'alma pura e entendimento;  
se tiveraõ fundamento,  
quanto, amigo, te fundiraõ,  
o quanto mereçimento!

Sou ave fenix no Mundo,  
pera todos concebida;  
remedio da humana vida:  
da ganhada, bem jocundo;  
restauração da perdida.

ensino d'eros presentes,  
preservação dos futuros,  
clara luz das segas gentes,  
com perfeiçois eminentes  
pera coraçõs naõ duros.  
sou, emfim, preço sem preço,  
thezouro de mor valya;  
as gentes, me offereço,  
que me desprezaõ, confesso,  
cada ora e cada dya.

Gintyo

Sendo vos cousa taõ alta,  
taõ baixa vevos me espanta.  
grande he do Mundo a falta,  
pois de vós taõ pouco trata  
sendo vós de conta tanta.

Fee

Assy he; mas he verdade  
que ninguem me pode ver,  
se naõ por liure vontade;  
vós outros a libertade  
entregais toda ao querer.

O qual trazeis taõ pejado  
que vos naõ fica lugar,  
pera me agazalhar;  
que o lugar, por mi entrado,  
sem força me ha de ficar.

Gintyo

Como vos chamaõ, senhora?

Fee

O meu nome soberano  
ha Fee, aqui moradora;  
nas em my, primeiro, mora,  
que no ceo more, o humano.

E sou voluntaria crensa  
das cousas celestiais,  
reveladas pela ymmenssa  
bondade, que as dipenssa  
aos humanos e mortais<sup>44</sup>.

Esta aparição em cena da fé provoca a reacção violenta do povo judaico que acusa a fé de ser a «mulher do Crucificado» e fonte de falsidade e de erro:

Judaico

Goaias! Goaias! Esta he a fe?  
Christã he, doua ao Diabo.  
olha bem, gentio, e vê,  
naõ te engane, porque esta he  
mulher do Cruçificado.

He a sua feiticeira  
com que os milagres fazia;  
por esta, se entrodozia  
por Messias, de maneira  
que o Mundo suspendia<sup>45</sup>.

A resposta da fé não é de condenação ou vituperação. Trata o povo judaico como «amigo» insistindo sobre o facto de que a revelação inicial foi para eles mas que a universalidade se encontra apenas na mensagem cristã. Depois de se ter apresentado e, aliás, de ter convencido o povo gen-

---

44. *Auto que se compo*, 338-339.

45. *Auto que se compo*, 339-340.

tio primeiro, a fé serve-se do facto de ter sido, desde o começo destinado a ser o cumprimento das promessas dadas ao povo judaico por Deus:

Fe

O povo judaico, amigo:  
essa que dizes, nao sou;  
mas, desse que dizes, digo  
que sou sua e que o sigo;  
pera ty me fabricou.

Suas obras fez sem my,  
por não ter per as fazer  
neçessidade de crer;  
e são as que eu obro, aqui,  
por sua virtude e poder.

Por mim, quer que a ele vão  
os homens que o quizerem.  
a quem, sem my, não irão;  
os teus prophetas, meus são,  
que me crerão, sem me verem.

emfim, eu sou, que já era,  
antes que Cristo naçesse.

Judaico

O quem te acabar pudera,  
feitiçeira, cristã perra,  
bem estara quem te cresse!

Fe

O povo amigo, a ti,  
do ceo, primeiro fui dada!

Judaico

No monte Syna ou aquy?

Fe

Em toda a parte, e aly,  
em tudo, a ti consagrada<sup>46</sup>.

---

46. *Auto que se compoz*, 340.

O povo judaico acusa a fé de mentir e recusa a ressurreição de Jesus, mantendo que foram os discípulos que tinham roubado o seu corpo. Perante a obstinação do povo judaico a fé declara que o povo eleito perderá o favor de Deus, e, de facto, dirige-se ao povo gentio que fica como o herdeiro dos bens «que o povo judaico enjeita»:

Judaico

Mentes, se melhor não provas;  
mas, porque não esperdiçes  
mais rezoas, em parvoíces.  
dame maravilhas novas  
do Ceu, com que me fetiçes.

Fee

Maravilha he que baste,  
hum só por todos morrer.  
que mor, do Ceo, a esperaste  
que o que, a tres dias, mataste,  
oje, vivo podes ver?

Judaico

O má molher, muy bem sey  
que os discípulos o furtaraõ;  
vossas manhas ahi obraraõ.  
em que o veja, cuidarey.  
que os mesmos m'enfeitiçaraõ.

Fee

O povo duro e obstinado,  
esse foste de comesso.

Judaico

Por isso sou mais honrrado  
porque me não ves dobrado  
a crer logo, eu o confesso.

Fee

Por isso, te perderás  
enfeliçe e sem vintura,  
porque tens a servis dura;

inda mal que o sentirás,  
na pena eterna futura.

Toma a Fee o Povo Gintyo pela mao e diz:

O povo sego e errado,  
os meus conselhos açaite;  
naõ te acharás enganado;  
ficarás dos bens herdado  
que o povo judaico enjeita.

Se verte queres, contente,  
abastado de riquezas  
soberanas e grandezas,  
que te abra os olhos consente:  
verás mais tuas baixeza<sup>47</sup>.

É o povo gentio que se converte primeiro e, de facto, procura convencer o povo Judaico da verdade da nova fé:

Vinde judaico povo, e subamos  
ao monte de Deus, alto soberano;  
a sua Igreja e caza santa, vamos  
aprender os caminhos, sem engano.  
A nova e santa ley, que dezejamos,  
ja de Sion sahio, por Deus humano:  
de Hierusalem, o Verbo esperado,  
que he Iesu, nosso Deus crucificado<sup>48</sup>.

Segue-se um vivo debate entre o povo gentio e o judaico obstinado nos seus erros. Intervém Cleophas, o interlocutor de São Lucas na disputa. O povo judeu protesta que foi, precisamente, o povo que mandou crucificar Jesus, o que faz impossível que ele fosse o Messias. Mas Cleophas responde a esta afirmação: o povo judaico já não é o pérfido povo que matou o Senhor. De alguma maneira, através do facto de ter derramado o sangue de Cristo, são os artífices da salvação. O sangue de Cristo foi derramado para toda a humanidade, inclusivamente, para eles:

Cleophas

Os sacerdotes do templo,  
judeu, as mãos naõ sujavaõ,  
co sangue que derramavaõ:  
sejavos, isto, exemplo,  
com ele se santificavaõ.

---

47. *Auto que se compo*, 341-342.

48. *Auto que se compo*, 355.

Assi, quis, o Redemptor,  
por nossas mãos derramar  
seu sangue, por vos salvar  
e com ele e seu amor,  
judeus, vos santificar<sup>49</sup>.

O debate com o povo gentio, agora convertido à luz do Evangelho continua e o judaico mantém-se obstinado e cego:

Judaico

Pois bem duro estavas tu.  
quem teve tanto poder?

Gintyo

Minha Fee e meu Iesu,  
em quem tu deves de crer,  
senaõ esm contra ty, cru.

Judaico

O sego povo incostante!  
como t'amarãõ costela,  
logo te tomaraõ nela.  
a molher do nigrumante  
he muito roim cadelã<sup>50</sup>.

O povo gentio tenta convencer o judaico do facto de ser a sua fé no Deus único a mesma, no fundo, do que a cristã, com a diferença que o Deus trinitário se oferece, não apenas para um povo mas para a humanidade inteira.

Judaico

Pois, que importa o argumento  
pera o que na cruz morreo?

Gintyo

Tens mui bo entendimento.  
eu to direi num momento.  
Deus te dê lume do Çeo.

---

49. *Auto que se compos*, 355.

50. *Auto que se compos*, 356.

A mesma Fee que nos reza  
que ha hum só Deus, como vês,  
tambem reza que são tres  
pessoas numa natureza,  
divinas, se saber quês.

Huma das quais he, judeu,  
seu filho crucificado,  
pelo teu remedio e meu;  
e, pera o mesmo efeito teu,  
he, oje, resuçitado<sup>51</sup>.

Mas não são os argumentos teológicos do povo gentio convertido que fazem o judaico mudar de coração. No final da peça quando tudo parece indicar que o povo judaico vai continuar, obstinado, cego e impávido, intervém o apóstolo Lucas e tira o véu dos olhos do povo Judaico que, com a visão clara, percebe a verdade da Fé:

Chegão ao judeu, tiraolhe o veo e diz:

Lucas

Viva, o que humanou;  
viva, o que por nós naçeo;  
viva, o que nos conversou  
e viva, o que padeçeo  
e, oje, resuçitou!

Calhe o veo, que leva posto nos olhos, e posto logo na fe, espantado diz:

Judaico

Onte estava, triste errado,  
que não te via divina?

Fe

Pois vês, o que a fe te insina  
o crês no Crucificado,  
saluarte ha, sua doutrina.

Abraçasse co a cruz, de jiolhos e diz:

Judaico

O saúde dos mortais.  
honrra de Israel e gloria,

---

51. *Auto que se compo*, 357.

que da morte triumphais  
com a morte, que a vida dais,  
com sanguinosa vitoria!

Alta planta, eu vos adoro,  
que nos destes o divino  
fruto de Iesu benigno;  
eu, indigno, ante vos, choro,  
contra vos, meu desatino.

Arvore do segundo Adão,  
que da primeira o veneno  
curaste com fruto ameno,  
curaime com fruto ameno,  
curaime meu coração,  
que sempre foi tão terreno!

Plantaivos nesta alma minha  
e nela fruitificai  
minha saude e mezinha,  
e a quem, por morte, vos tinha,  
vos vida, a vida lhe day!

eu vos busquei e cortei  
e preparei, homeçida,  
pera em vos matar a vida;  
mas em vos a vida achei,  
que sem vos tinha perdida<sup>52</sup>.

O obra acaba com o povo gentio e judaico abraçados à Fé e olhando para os anjos:

Vós, Anjos da Magestade,  
estes dous povos, guardaios,  
porque são seus de vontade.  
vós, Apostolos, confirmaios  
ambos, na minha verdade.

Pois he junta, esta manada  
das ovelhas do Senhor,  
eu vos prometo, guardada  
seja delle e emparada.  
demos lhe, todos louvor!<sup>53</sup>

---

52. *Auto que se compo*, 358-359.

53. *Auto que se compo*, 359.

O editor moderno da obra, o padre Domingos Maurício Gomes dos Santos, enfatizou o carácter declaradamente antijudaico da obra e sugeriu que D. Francisco da Costa a tinha escrito para fortalecer a possível fraqueza da fé dos cativos, acostumados a viver na judiaria e com fins de proselitismo. Também propôs que entre os cativos poderia ter havido cristãos novos que, com a convivência com os judeus na *mellab* poderiam ter a tentação de abraçar a fé judaica<sup>54</sup>. O interesse pela cultura judaica e a convivência poderiam ter parecido suspeitos ao embaixador português. Como tivemos ocasião de ver, no século XVI não faltavam cristãos novos que chegavam aos territórios do xarife para recheiar as fileiras dos *megorashim*.

Certamente, ao colocar em cena a personagem do judeu, a obra de D. Francisco tem antecedentes, como tivemos ocasião de ver, na lírica e no teatro Medieval e, muito especialmente, no teatro vicentino. Ao mesmo tempo, a obra do embaixador português, ele próprio, tal como os judeus sefarditas, um exilado em Marrocos contém algumas diferenças subtis, não ao nível de conteúdo, mas sim na abordagem. O judeu é sempre o «outro», representa a alteridade, mas é uma experiência daquela alteridade diferente da que os autores da Península poderiam ter tido. Enquanto que o judeu morador da Península no período Medieval era um ser subjugado que se podia caricaturar no contacto quotidiano com a sociedade cristã, o judeu no *Auto da ressurreição* é um interlocutor respeitável e digno.

A finalidade é sempre a da conversão à luz do Evangelho sem dúvida, mas de alguma maneira é diferente. O judeu é apresentado como o herdeiro natural da mensagem de Jesus Cristo e não simplesmente condenado *tout court*. Estão ausentes as condenações ao povo judaico e a acusação milenária de ter sido responsável, ele próprio pela morte do Senhor, afirmação e *topos* que se encontra em toda a literatura de carácter antijudaico peninsular ao longo dos séculos. Seria um anacronismo falar em tolerância moderna da parte do autor, mas pode-se ver vestígios de uma vontade de, pelos menos, aprender do outro, neste caso do povo, destinatário original da revelação divina. É possível que os debates apresentados na obra sejam um reflexo de discussões teológicas com judeus de origem ibérica, moradores na *mellab* com quem da Costa tinha convivido. Se calhar foi precisamente a comum experiência do exílio que fez o autor abrir-se ao outro, ele próprio um exilado do reino que o fidalgo português representava. Foi, possivelmente, o exílio debaixo do sol Africano que fez que o autor oferecesse uma voz discordante na representação do judeu nas letras peninsulares.

Fico a agradecer as sugestões dos professores José Adriano Freitas de Carvalho, Luis de Sá Fardilha, Zulmira C. Santos e Pedro Tavares para o melhoramento da abordagem deste trabalho, bem como ao Prof. José Miguel Martínez Torrejón pelas suas sugestões e ideias. De maneira semelhante devo agradecer a ajuda atenciosa das amigas e colegas Maria Helena Sampaio Serino e Susana Mateus Bastos que corrigiram o meu texto. Este trabalho foi possível devido ao apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia da qual sou actualmente bolseiro.

---

54. *Auto que se compôs*, CXLIV-CXLV.